

#17 O Primeiro Passo do Nobre Caminho – Bodicita – RI 2020 Lama Padma Samten

<Bacupari, 25/07 a 02/08>

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #17

Revisão: Mônica Kaseker 11/04/2023

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível. Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com

A Quarta Nobre Verdade

Aí nós entraríamos na Quarta Nobre Verdade. Eu tenho um caminho para a liberação. Tradicionalmente, o caminho começa com uma definição sobre a nossa vida: o que nós vamos fazer? O que é o nosso movimento? Então seria a forma correta de viver, no sentido amplo. Como nós estamos operando dentro de uma visão que já inclui a Segunda Nobre Verdade, que é a verdade sobre o sofrimento. E nós estamos entendendo a possibilidade de liberação, entendendo a noção de vacuidade, o surgimento da identidade e isso está claro, essa primeira parte, que seria a forma correta de viver, não é uma forma comum de um ser senciente em meio ao Samsara viver. Esta é uma forma que não tem solução. A forma comum de um ser senciente tem uma contradição, porque os seres sencientes não tem solução. Então, tem uma contradição inerente.

Parece que eu poderia encontrar um jeito do eu, como ser senciente, resolver as coisas e enfim ficar direito. Mas não há essa possibilidade. Como vimos pelo estudo, os seres sencientes são aqueles que operam por dentro dos doze elos. Operam por gostar ou não gostar, desejo e apego, Upadana, etc. Aí não tem solução! É necessário que haja um outro tipo de abordagem.

Aqui, a forma correta de viver na abordagem Mahayana, por exemplo, que é como nós estamos tomando, se dá pela definição da motivação Mahayana. Como é que nós vamos andar no mundo? Vamos andar no mundo pela motivação Mahayana. O primeiro dos oito passos do Nobre Caminho é a motivação Mahayana que nos impulsiona, é essencialmente isso. Só que esse tema da motivação Mahayana, nesse momento, culmina como resultado natural da Terceira Nobre Verdade. Uma vez que vimos que a liberação é possível e estamos entendendo tudo sobre o ponto de vista da dupla realidade, ou seja, os seres, ainda que eles se sintam como seres humanos e, paulatinamente, eles se vejam perdidos dentro disso, ou os seres se vejam como seres sencientes e, paulatinamente, se vejam perdidos dentro disso, eles não estão perdidos porque a natureza essencial deles não é o processo pelo qual eles se construíram. Não é como eles se constroem ou, eventualmente, como eles se reconhecem. Eles são muito mais profundos do que eles mesmo veem.

Vimos que a liberação é efetivamente possível. A motivação Mahayana nesse momento vem por essa compreensão. É evidente que os seres têm a Natureza

Primordial, no entanto eles surgem como personagens e esses personagens têm um nível de sofrimento. E nós nos interessamos por esse nível de sofrimento e estamos dispostos a ajudar os seres a ultrapassar esse nível de sofrimento que estão manifestando. Essa disposição que surge como uma posição mental traduz o Primeiro Passo do Nobre Caminho. Só que se ela for apenas uma disposição mental, isso significaria que eu estaria ainda dentro do Samsara, com um raciocínio. Mas aqui não é o caso. Se nós amadurecemos dentro das três primeiras nobres verdades, a motivação Mahayana surge como o fluxo de um rio. Ela surge naturalmente.

O fluxo de um rio não é apenas a água que passa. Ela inclui a energia da água, a energia que impulsiona a água. Então aqui nós podemos descrever como o conteúdo do que ocorre no fluxo da mente, o que ocorre na visão em todas as direções. Mas nós precisamos incluir também a naturalidade do fluxo do rio, que é produzido pelo movimento natural da energia naquela direção. A compaixão tem uma sustentação natural. Ela não é alguma coisa fabricada. Ela também não pertence a uma identidade fabricada. Ela já, ela mesma, produz desde a Natureza Primordial, ou seja, desde o Buda Primordial, ela produz esse movimento de energia.

Então, quando o Primeiro Passo do Nobre Caminho passa a ocorrer, o que vai surgir nos personagens Nirmanakaya a nível grosseiro? Vai surgir uma energia que movimenta o corpo deles, que não vem por gostar ou não gostar. Não vem por olhos, ouvidos, nariz, língua, tato e mente, essa mente associada a olhos, ouvidos, nariz, língua e tato. Não vem disso. E não vem da sensação de que, o que eu vejo eu gosto, ou o que eu vejo eu não gosto. E eu quero o que eu gosto e não quero o que eu não gosto. Não vem disso. Não vem de Upadana - a sensação de eu encontrar outras experiências que eu gosto e outras experiências que eu não gosto. Não vem disso. Ela vem por um movimento natural, incessante, que não precisa ser explicado, não tem uma conclusão, não tem um raciocínio causal anterior. É um movimento que vai se manifestar em produzir benefícios aos seres e pronto!

Esse movimento não tem uma exaltação da identidade correspondente, mas as identidades são vistas como obstáculos. É a manifestação de Nirmanakaya. Então a inteligência é a inteligência de Cherenzig!

Esse primeiro passo do Nobre Caminho, ele seria como que - se ele ficar perfeito - a culminância da motivação. Curiosamente, nós começamos aqui com o primeiro item da motivação, depois Shamata, e aí nós viemos olhando assim. Agora, a motivação ficou muito mais aguda, muito mais clara porque ela tem esses outros elementos todos que nós examinamos. A motivação agora atinge uma maturidade. Ela não é uma maturidade completa, mas ela atinge uma maturidade.

A prática do nascimento no Lótus

Assim, eu considero que, nesse ponto, seria interessante nós fazermos a prática correspondente ao Nascimento do Lótus. Porque, tendo em vista o que nós já olhamos até agora, a prática do Nascimento do Lotus se torna muito mais palpável, muito mais real, muito mais possível.

Quando nós vamos fazer esse exercício do Nascimento no Lotus, nós podemos contemplar cuidadosamente situações que, em princípio, nos afetavam, ou que nos afetam ainda. Essas situações que nos afetam, elas são... aí a gente precisa olhar: "Isso é o lodo. Não é que isso me afete, isso afeta os seres todos." Então nós olhamos por que que aquilo afeta. Porque aquilo está ligado a Vedana: ou nós gostamos ou não gostamos. Nesse caso, nós deveríamos contemplar não só o que nos afeta negativamente - o que temos uma aversão - mas também olhar o que nos afeta

positivamente - o que nos arrasta, o que nos atrai e nos leva de modo condicionado. Porque, de fato, o que nos movimenta desde sempre - vida após vida - está ligado ao que produz brilho, produz energia em nós. Isso tem nos enganado vida após vida porque nós andamos naquela direção e termina que não encontramos nada sólido. Vamos encontrar decepção o que, enfim, é o que fica claro quando nós estudamos a Primeira Nobre Verdade.

Aqui nós precisaríamos considerar que o lodo, no fundo do lago é, não só o que nós não gostamos, mas também, especialmente, o que nos atrai e que atrai a todos os seres. Então nós olhamos aquilo como o lodo e entendemos as lágrimas como a água que está ali.

Os tibetanos por vezes são dramáticos. Eles dizem que já foram vertidas mais lágrimas que a água dos oceanos. Toró de lágrimas. Isso é muito comovente. Isso seria a maturidade com respeito à Primeira Nobre Verdade. Sob o ponto de vista, vamos dizer assim, moderno, ou seja, romântico, toró de lágrimas é alguma coisa muito comovente. <1:32'39"- risos> Mas é que nós não estamos olhando isso, estamos olhando de um outro jeito. Se eu disser: "Uau, eu já chorei muito. Agora eu descobri. Por que eu choro hoje? Porque eu já chorei muito, então vou seguir chorando. É assim. Na vida passada eu já chorava, na outra vida também...". Se a gente entender isso, já ajuda um pouco. Porque nós dizemos: "Eu tenho chorado, mas dá para passar, dá para parar também. Está certo que eu nasci canceriano, com lua em Câncer, ascendente em Câncer. <1:33'11"- risos> Chorar é meu modo de viver! Que seria se eu não chorasse? O que eu ia fazer nessa vida?" Mas então tem esse aspecto assim. Aí é a água.

Nós vamos chorar por causa dos doze elos. Nós estamos ali dentro. A pessoa vai dizer: "O que seria eu, se eu não tivesse apego? Eu sou isso. Eu sou apegado, e eu faço o que?" Tá, fica apegado, não tem problema. Só vai observando assim, que você só vai chorar quando tiver apego. Se um dia você quiser parar, você pode olhar de um outro jeito. Mas agora olha os outros seres, será que eles precisam chorar assim?

Aí quando nós olhamos o lodo e as lágrimas, num certo momento nós podemos pensar: "Eu não vou me aliar nem ao lodo, nem às lágrimas". Não se aliar nem ao lodo nem às lágrimas é a visão *Rigpa*. Nós olhamos desde a natureza livre da mente, como que aquilo tudo acontece. É como se a gente estivesse como um observador dentro do estádio de futebol no 7 a 1 com a Alemanha. Calmos ali dentro. Nos 3 a 1 com o Uruguai. Calmos, assim. Nos 5 a 1 com o Inter. Nós também evitando a grande alegria. Mais um gol. Mais um gol. Mais um! Que Glória! Dessa eles nunca se levantam! <risos>

Olhando assim, é a mesma coisa. Nós temos ou alegria ou tristeza no meio disso. Eu acho sempre a alegria um pouco melhor! <1:35'00"- risos> Mas, como Bodhisattvas, nós estamos olhando aquele sofrimento todo no estádio. Aquilo é construído, pessoal. Cento e vinte anos antes não haveria jogos de futebol. Não haveria esse tipo de sofrimento. O sofrimento é causal. É causado. É criado. É assim. Nós estamos olhando desse modo e surge em nós, quando vemos aquele sofrimento, vemos as pessoas incomodadas. Surge em nós o talo do Lótus. Ou seja, é como a vitalidade da semente.

A semente tem um momento que ela "plim". Ela sobe. Aquela vitalidade é o talo do Lótus. Não tem propriamente um talo, um tronco, mas tem uma vitalidade. Essa vitalidade é a compaixão. Se surgir a compaixão em nós, é essencial. Nós precisaríamos contemplar isso. Olhar nas várias direções e ver se isso aparece ou não aparece. Esse surgimento, se ele aparecer como uma decisão da mente, não é isso. Ele vai aparecer como uma energia inexplicável. Eu, às vezes... Por exemplo, a sanga aqui - quase abrindo um parêntese -, depois eu vou tentar me lembrar o que eu estava falando.

Mas eu agora vou abrir um parêntese. Porque, por vezes, os praticantes têm medo da situação econômica. De vez em quando, não é? Eu já vi isso. Já vi outras linhagens também. Uma vez eu recebi uma carta de uma pessoa de outra linhagem dizendo: "Como lidar com a questão econômica? Se a gente está afundando economicamente, como a gente faz?" Eu digo, olhem para o Buda!

Esse texto eu terminei colocando como o último capítulo dentro do "Jóia dos Desejos". É uma resposta a uma pessoa de uma outra linhagem. A primeira versão do "Jóia" não tem aquilo. Quando foi feita a segunda edição, eu adicionei aquele último capítulo. Se vocês tiverem alguma coisa, eu < risos > Mas, essencialmente é assim: o Buda tinha a tigela dele. Com a tigela dele estava beneficiando os seres. Esse é o ponto. Então essencialmente essa é a questão. Eu estava mostrando como, se nós manifestamos Bodicita, nós efetivamente beneficiamos.

Às vezes eu fazia esse exercício mental. Já faz um tempo. Você se imagina: "Bom. Você quebrou." Então você se senta na calçada, morador de rua, uma latinha ali na frente, você está ali recitando mantra, vê se aparece alguém que bota alguma coisa na latinha ali na frente. Mas vocês não vão fazer isso. Por que? Porque as pessoas que vão cruzando pela frente, vocês têm não só o voto de Bodicita, como o olho de Bodicita, como a energia de Bodicita. Então as pessoas cruzam pela frente, vocês vão ver que elas estão com problema. Aí vocês levantam vão ali e ajudam e sentam de novo. Daqui a pouco levantam, daqui a pouco nem sentam mais. Já ficam ali prontos para ajudar as pessoas nas várias situações. Daqui a pouco vocês estão morando com alguém, ajudando a pessoa em alguma coisa. E assim vocês vão indo. Daqui a pouco vocês estão dirigindo uma organização; é rápido. Porque quem tem a capacidade de olhar e entender os outros no mundo, e ajudar os seres, é alguém que é colocado para cima sempre.

Então o Buda, ele não foi lá e "agora eu vou pra cima, agora eu vou ganhar a vida". Não pensou nada disso. Na verdade, ele devolveu tudo que o mundo comum tinha dado pra ele. Devolveu o reino, devolveu todas as ligações do Samsara. Ele começou do zero zero, gerando méritos para os seres. Ele nunca precisou de nenhuma campanha financeira. Ele simplesmente se moveu. Nunca faltou nada. É essencialmente isso. Esse é o ponto dos méritos.

Mas eu queria trazer esse exemplo, e agora vou reconectar com o que eu estava falando, porque quando vocês estão sentados defronte à latinha de vocês e aparece alguém, vocês não precisam de uma explicação. Vocês podiam ter dito: "Bom, hoje eu pensei que das oito ao meio-dia eu ficaria aqui para ver o que vai dar". Aí aquilo evaporou da mente. Por quê? Porque alguém precisou, surge um calor interno, um brilho, e vocês vão se levantar e vão ajudar. Então isso é Bodicita! Esse calor interno, ele não é explicável. Eventualmente ele vai contra alguma explicação. Ele não precisa um balizamento, uma justificativa. A pessoa vai se levantar e vai ajudar. Isso significa o nascimento no Lótus!

Nós vemos a aflição, mas não ficamos presos à aflição. Não pensamos: "Bom, isso é assim mesmo". Nós vemos a negatividade que está ali, mas não dizemos: "A negatividade é assim mesmo". Não dizemos: "Isso é com o outro". Nós simplesmente nos levantamos, vamos ali e ajudamos. O que nós esperamos é que o pessoal coma e depois esperamos que lavem os pratos. É uma coisa natural. Que limpem a cozinha, que varram tudo, façam tudo acontecer, de um modo totalmente natural. Enfim, é o que acontece assim, numa comunidade de compaixão como aqui.

Esse é um ponto. Esse processo, é melhor não pensar que ele é um pensamento. É melhor espreitar isso como um movimento natural de energia. Se esse

movimento natural de energia surge, podemos contemplar esse movimento. Ele é o eixo da nossa coluna vertebral. Nós vamos passar a viver a partir disso. Isso é o voto de Bodicita. Este é o Primeiro Passo do Nobre Caminho. Se isso está presente, todo o resto vai se estruturar.

Como uma planta, como uma semente que brota e se expande, essa energia vital vai produzir uma árvore. No caso aqui não seria propriamente uma árvore. Até poderia ser, não é? Mas ela vai produzir uma flor de lótus. Essa flor de lótus é o talo e a flor com as pétalas todas. Essas pétalas significam os meios hábeis. A pessoa vai olhando e vai descobrindo os meios hábeis. E o Buda senta sobre o Lótus. Ele senta sobre um Lótus de mil pétalas! Eu estive contando aqui, elas são menos! <risos> Aquilo é que é um Lótus! Mil pétalas! Mil pétalas, nessa linguagem indiana significa um número ilimitado. Mil é ilimitado. Um número ilimitado de meios hábeis. Então ele senta. O que que significa? Ele senta. Ele repousa sobre a motivação, que é a energia que brota do próprio Buda Primordial. O Lótus é a manifestação do Buda Primordial. E o próprio Buda sentado ali - que não é outra coisa a não ser essa energia e esses meios hábeis - ele é o nascido no Lótus.

Bodicita e o movimento pela energia

Todos os budas são nascidos no Lótus. O Buda Sakyamuni também. Vocês olham e todas as imagens são assim. Na leitura tibetana Mahayana, vocês vão ver, essa imagem. E, em volta, a emanção das luzes e o céu acima. Então o céu acima eu considero crucial. Porque o céu acima é o Buda Primordial, é o espaço amplo. E a luz é a energia própria, é a luminosidade própria original. O Primeiro Passo do Nobre Caminho é a motivação. Ele é a semente que se abriu e surgiu a energia.

Eu acho importante contemplar desse modo. Vocês não contemplem apenas de um modo discursivo, dual, discursivo ou causal. Mas vocês pensem: "Nós estudamos a Primeira Nobre Verdade, a Segunda Nobre Verdade, a Terceira Nobre Verdade. Isso coloca a nossa mente num lugar mais livre. Desse lugar mais livre brota o brilho e a energia que vai acionar o nosso caminho. Isso é, se a semente não se abre e não aparece o broto que vai resultar na flor, é difícil seguir o caminho. Super difícil. Nós não vamos ter êxito, por enquanto. Existe um diferencial se a semente se abriu e apareceu, ou se não se abriu. Esse diferencial não é uma decisão da mente. Ele é um movimento natural da energia.

Por exemplo, dentro do Samsara, se nós estamos operando sem esse nascimento, nós podemos fazer várias coisas. Por exemplo, a gente pode ajudar os grupos, pode ajudar várias coisas. Mas tudo que nós fizermos vai estar dependendo da mente, vai estar dependendo de coisas causais. Nós ainda não entendemos o milagre. Mas tudo bem. Nós fazemos o que está no nosso alcance. Mas é bom entender que podem surgir obstáculos. Quando começamos a operar com a mente, na verdade o que está acontecendo é que nós estamos estabelecendo referenciais. Nós estamos tomando da mente livre, essa mente livre está migrando para uma região onde tem um conjunto de referenciais já construídos.

Por exemplo, a gente entra num grupo, tipo CEBB. Nós entramos no CEBB, que tem referenciais já construídos. Eu acho que é uma boa coisa os referenciais não estarem muito claros. Porque se nós tivéssemos referenciais muito claros, seria muito fácil associar àquilo, não propriamente pela energia, mas pelo conjunto de referenciais. Então eu acho bom aquilo ficar meio vago, assim. Como vemos se estamos andando ou não? O sofrimento se reduz, não sabemos bem porquê e aquilo vai indo assim. É melhor. Porque nós vamos indo pela energia, não por uma delimitação. Se nós

surgirmos com uma coisa completamente clara, é fácil simular. Nós pulamos para dentro, é fácil simular. É que se não andarmos pela energia, não andamos muito bem.

Nós estamos olhando desse jeito. Mas então nós contemplamos isso, contemplamos com cuidado. Vemos se essa energia aparece. E quando ela aparecer, nós olhamos bem para ela e vemos como é que ela está aparecendo. E os aspectos comuns, causais podem operar, mas é importante entender que nós vamos ter vários obstáculos quando nós estivermos operando a partir de referenciais comuns. Mesmo que sejam referenciais do Dharma. Eu digo comuns, porque eles seriam referenciais causais.

Por exemplo, aí vem a Segunda Nobre Verdade. Se eu tiver o nascimento no Lótus, a Segunda Nobre Verdade é uma coisa. Se eu não tiver, a Segunda Nobre Verdade vira uma operação da mente. E aí nós temos muitos obstáculos. Então a segunda, a terceira, a quarta nobre verdade, todo o caminho subsequente, é uma coisa, se surgiu essa energia. Se ela surgiu, o caminho se torna muito mais fácil porque a direção daquela energia aponta o movimento. Se não surgiu, eu vou começar a balizar meu funcionamento por recomendações verbais discursivas externas, e eu vou ter uma tendência de energia que se choca com a verbalização apresentada, entendem? Eu vou ter vários obstáculos, que vão surgindo assim. Vou encontrar muitos obstáculos no caminho porque o movimento da minha energia está na dependência da bolha de realidade onde eu estou. E eu ouço um tipo de referencial que se choca com o movimento da energia que brota do Samsara, que é o movimento usual do Samsara.

Nós vamos encontrar, por exemplo, aquilo que poderia chamar a Primeira Volta do Dharma, que é como se todo o caminho fosse através de uma obediência a um conjunto de regras, um conjunto de recomendações do Buda. Nós não vamos ter nunca paz num processo assim. Porque se não tivermos o nascimento da motivação Mahayana, da motivação interna de se liberar e de liberar os outros seres, nós não temos o movimento natural do caminho.

Então assumimos recomendações. Quando as recomendações começam a ser praticadas, nós vamos ter o mesmo tipo de atitude e dificuldade de quando os jovens entendem que tem que estudar matemática, que tem que estudar língua portuguesa, porque a prova vem no dia seguinte e eles tem agora que fazer aquilo. E, além do mais, o ENEM se aproxima. E nos próximos três quatro anos eles vão fazer o ENEM. E eles tem que entrar numa Universidade. E depois que entrarem na Universidade eles tem que ir até o fim. E depois que vão até o fim eles tem que trabalhar. E depois que trabalharem, eles tem que casar e tem ter filhos. E aquilo vai indo assim. Não quero preocupar ninguém aqui. <risos>.

Mas surge esse tipo de visão. Essa visão nunca pacífica. Ela é sempre uma visão que fica demandando, demandando e se a pessoa não tem energia para aquilo, aquilo não vai funcionar. Agora, de modo geral, se a pessoa, por exemplo, tem uma energia para estudar, ela senta ali e aí isso funciona. Agora, se ela não tem energia, ela olha para aquilo e, mesmo que ela sinta que tem que fazer, ela tem muitos obstáculos. Então energia é um ponto crucial. E a energia vem da maturidade das três primeiras nobres verdades, da contemplação das três primeiras nobres verdades.

Aqui, eu considero super importante que nós - tendo entendido a questão da motivação, que é o Primeiro Passo do Nobre Caminho - circulemos muitas vezes, gire a roda do Dharma muitas vezes, encontrando muitos exemplos nesse ponto, até que a energia se arrume. Não deveríamos pensar que isso é perder tempo: "o que é que vem depois? O que é que vem depois?" E nós pegamos aquilo e operamos ali.

Vocês vejam que, tal como nós estamos olhando, já há uma profundidade razoável na compreensão das primeira, segunda e terceira nobres verdades. E essa maturidade vai ser a base para tudo que ocorrer. E tudo que ocorrer na sequência é a extensão, o progressivo amadurecimento desse conteúdo mesmo que estamos olhando. Dali de dentro brotam os conteúdos todos que vem.

Com isso eu considero que eu concluí o Primeiro Passo do Nobre Caminho, que aqui está descrita como Motivação. E esse Primeiro Passo do Nobre Caminho seria a Motivação Mahayana no caminho. Esse é o ponto. Especialmente sob o ponto de vista da energia, que ele é não causal, não dual, não discursivo. Nós vamos precisar trazer essa clarificação.